

PRÓLOGO

A temática do VIII Congresso da Abrapcorp trouxe à baila a discussão sobre aspectos da interculturalidade, que, de acordo com alguns pesquisadores, é considerada como muito atual, enquanto outros a veem como um campo já tratado há muito tempo, uma vez que as sociedades humanas sempre foram alvo do estudo das relações entre pessoas de diferentes culturas e continentes. Inseri-la na ordem do dia desse evento teve como objetivo reforçar, junto aos pesquisadores e alunos da área da comunicação, que não é possível pensar em processos comunicativos sem contextualizar as ações humanas em um determinado território ou local e sem compreender as origens dos grupos.

“Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade” foi o tema desenvolvido durante os cinco dias do evento. Dois dias foram dedicados ao curso avançado “Comunicação organizacional e globalização”, ministrado a alunos de programas da pós-graduação por Shiv Ganesh, professor da Massey University, de Auckland, na Nova Zelândia. E os outros três dias configuraram o congresso propriamente dito, com a participação de pesquisadores internacionais e nacionais de renomada trajetória acadêmica, alunos e profissionais do mercado.

Uma das justificativas para a abordagem dessa temática foi a constatação de que é muito escassa a produção nacional e latino-americana no campo de estudo das relações entre comunicação e cultura. A existência de investigação cultural interdisciplinar que possa ser identificada com uma tradição latino-americana dos estudos culturais ainda é muito tímida. A isso podemos acrescentar outro problema: a pouca difusão, na América Latina, de bibliografia que trate dos estudos culturais, independentemente do contexto geográfico onde sejam praticados.

Nesse contexto, vale ressaltar que a América Latina aglutina um vasto elenco de heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas, diversidades econômicas, experiências diferentes e desigualdades estruturais. Se a análise se detiver no Brasil, ocorre o mesmo, uma vez que existem muitos “brasis” dentro desse país- continente, conformando uma

cultura brasileira original, com suas ricas especificidades. Portanto, refletir sobre o Brasil e a América Latina representa uma construção sempre incompleta, pois qualquer tentativa de uniformizar essas diversidades não seria uma proposta coerente e sensata. Ao contrário, a ideia é procurar identificar as diferenças, entendê-las e respeitá-las, aceitando as idiosincrasias de cada povo e de cada região.

Nesse sentido, o VIII Congresso da Abrapcorp pode ser considerado como um divisor de águas, um momento precursor de análise sobre a *interculturalidade* como interface que deve ser discutida e entendida, principalmente frente às situações presentes nos dias de hoje. No caso brasileiro, por exemplo, a chegada dos imigrantes – documentados ou não, sejam eles bolivianos, haitianos, senegaleses ou de outras nacionalidades – tem demonstrado que as diferenças não são ignoradas, mas, ao contrário, são exacerbadas e evidenciam que a prática da diversidade é algo presente no discurso, mas que no cotidiano não funciona.

O grande legado das apresentações e discussões que tiveram lugar no congresso foi fixar a mente na importância da interface que deve existir entre as áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade é, sem dúvida, a chave para entender os outros, assim como os processos comunicativos. O campo da comunicação só tem sentido quando está em relação com a antropologia, a sociologia, a filosofia, a psicologia, a história e outros campos mais, pois como processo as relações entre as pessoas dependem da comunicação e dela surge (ou não) a interação.

Como resumo dos debates, ficou claro que a interculturalidade sempre existiu, ou seja, as relações entre os diferentes povos sempre ocorreram, tanto por meio das transações mercantilistas, quanto por meio das conquistas políticas-geográficas. O que hoje é inovador, nessa relação, é a compreensão da comunicação intercultural, uma vez que estamos diante de um novo paradigma, entendido como um modelo de criação de sentido comum ou comunitário e como forma de perceber a realidade. Apesar de vermos o mundo como, majoritariamente, intercultural – porque o fenômeno da globalização colaborou para o avanço das tecnologias e as relações se tornaram quase que instantâneas –, vemos que essa não tem sido a percepção dominante de muitos governos e das empresas. Daí a necessidade de entender por que os governos e as

organizações muitas vezes atuam de maneira contrária a todos os prognósticos que nos são dados a conhecer.

Dentro da opção que inaugurou a coleção Rede Abrapcorp, com as contribuições do congresso anterior, a presente obra é apresentada em formato de *e-book*, elaborado digitalmente pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Edipucrs). Com ela, a diretoria da gestão 2012-2014 da Abrapcorp encerra suas atividades, deixando mais este legado, que, sem dúvida, colaborará para o desenvolvimento da área da comunicação.

Só nos resta agradecer o apoio dado a esse evento pelas agências de fomento à pesquisa, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), além de patrocinadores como a Petrobrás e a Vale S.A. Também merece registro a contribuição do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas (Conferp). O ciclo de nossa atuação se fechou com a abnegada colaboração da comissão organizadora do VIII Congresso e dos colegas docentes da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A propósito, deixamos registrado aqui nosso cordial reconhecimento a essa renomada e produtiva instituição que, comemorando em 2014 quarenta anos de seu Curso de Relações Públicas, abriu suas portas para acolher os pesquisadores brasileiros e internacionais nesse evento. Sem dúvida, o VIII Congresso da Abrapcorp se constituiu em mais um marco das áreas de comunicação organizacional e de relações públicas.

As organizadoras